

A AFETIVIDADE COMO FATOR DE INFLUÊNCIA NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DE 4 A 6 ANOS

AFFECTIVITY AS AN INFLUENCE FACTOR IN THE LITERACY OF CHILDREN FROM 4 TO 6 YEARS OLD

LA AFECTIVIDAD COMO FACTOR DE INFLUENCIA EN LA ALFABETIZACIÓN DE NIÑOS DE 4 A 6 AÑOS

Carlos Alexandre Castro Pereira¹
Karine Alessandra Beraldo Kuligowski²
Kellin Cristina Melchior Inocêncio³

Resumo

A pesquisa *A afetividade como fator de influência na alfabetização de crianças de 4 a 6 anos* demonstra que o afeto está presente desde as primeiras manifestações da existência humana até a vida adulta e que, diretamente, contribui para a construção das relações em diferentes cenários, como a família e a escola. Assim, articulamos esse estudo à sociedade contemporânea capitalista e à ausência do afeto familiar justificada pelas relações de trabalho, condição que transfere, mesmo que indiretamente, à escola e aos professores a responsabilidade do afeto no desenvolvimento da criança. Além dessa condição, acrescentamos a relevância do afeto construído na escola, sobretudo para a alfabetização da criança de 4 a 6 anos. Os objetivos da pesquisa se concentram em: a) estabelecer relação entre a afetividade e o sucesso de uma alfabetização construtivista, enfatizando na percepção dos educadores sobre a afetividade na aprendizagem; e b) identificar características afetivas nas práticas docentes, bem como a consciência da sua importância nas relações estabelecidas no processo educativo. Os teóricos Piaget (1973), Wallon (1985) Ferreiro e Teberosky (1999) e Soares (2016) trouxeram contribuições relevantes para este estudo, de natureza qualitativa bibliográfica. Como resultados, acreditamos em uma educação voltada às crianças pequenas, que se articule à família e que busque minimizar os efeitos da ausência de afeto no desenvolvimento e, sobretudo, na aprendizagem alfabetizadora. É possível destacar que a pesquisa demonstra a relevância da afetividade para o desenvolvimento biopsicossocial das crianças e a necessidade de a sociedade reorganizar-se em prol do desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: afetividade; alfabetização; educação infantil.

Abstract

The research *Affectivity as an influence factor in the literacy of children from 4 to 6 years old* demonstrates that affection is present from the first manifestations of human existence to adulthood and that, directly, contributes to the construction of relationships in different scenarios, such as family and school. Thus, we articulate this study to the contemporary capitalist society and the absence of family affection justified by labor relations, a condition that transfers, even indirectly, to the school and teachers the responsibility of affection in a child's development. In addition to this condition, we add the relevance of affection built at school, especially for the literacy of children from 4 to 6 years old. The research objectives focus on: a) establishing a relationship between affectivity and the success of constructivist literacy, emphasizing the perception of educators about affectivity in learning; and b) identifying affective characteristics in teaching practices, as well as the awareness of their importance in the relationships established in the educational process. Theorists Piaget (1973), Wallon (1985) Ferreiro and Teberosky (1999), and Soares (2016) brought relevant contributions to this study, of qualitative bibliographic nature. As a result, we believe in an education aimed at young children, that is articulated with the family and that seeks to minimize the effects of the absence of affection on development and, above all, on literacy learning. It is

¹ Acadêmico no curso de Pedagogia no Centro Universitário Internacional UNINTER.

² Acadêmica no curso de Pedagogia no Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: karinekuligowski@hotmail.com.

³ Doutora em Educação no Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: kellin.i@uninter.com.

possible to highlight that the research demonstrates the relevance of affectivity for the biopsychosocial development of children and the need for society to reorganize itself in favor of child development.

Keywords: affectivity; literacy; early childhood education.

Resumen

La investigación *La afectividad como factor de influencia en la alfabetización de niños de 4 a 6 años* demuestra que el afecto está presente desde las primeras manifestaciones de la existencia humana hasta la vida adulta y que, directamente, contribuye para la construcción de las relaciones en diferentes escenarios, como la familia y la escuela. De esa manera, asociamos este estudio a la sociedad capitalista contemporánea y a la ausencia de afecto familiar justificada por las relaciones de trabajo, condición que transfiere, aunque indirectamente, a la escuela y a los maestros la responsabilidad del afecto en el desarrollo del niño. Además de esa condición, agregamos la relevancia del afecto construido en la escuela, sobre todo para la alfabetización del niño de 4 a 6 años. Los objetivos de la investigación se concentran en: a) establecer relación entre la afectividad y el éxito de una alfabetización constructivista, con énfasis en la percepción de los educadores sobre la afectividad en el aprendizaje; y b) identificar características afectivas en las prácticas docentes, así como la consciencia de su importancia en las relaciones que se establecen en el proceso educativo. Los teóricos Piaget (1973), Wallon (1985) Ferreiro y Teberosky (1999) y Soares (2016) hacen aportes relevantes para este estudio, de naturaleza cualitativa bibliográfica. Como resultados, creemos en una educación dirigida a los niños pequeños, que se articule a la familia y que trate de minimizar los efectos de la ausencia de afecto en el desarrollo y, sobre todo, en la educación alfabetizadora. Es posible destacar que la investigación demuestra la relevancia de la afectividad en el desarrollo biopsicosocial de los niños y la necesidad de que la sociedad se reorganice en beneficio del desarrollo infantil.

Palabras-clave: afectividad; alfabetización; educación infantil.

1 Introdução

A educação infantil está repleta de curiosidades e motivações que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem. Consideramos que a afetividade é relevante para a obtenção de resultados positivos nos âmbitos educacionais e sociais e que muitas perspectivas a envolvem nesse movimento de formação das crianças, entre elas, atitudes e valores, comportamento moral e ético, desenvolvimento pessoal e social, motivação, interesse e atribuição, ternura, interrelação, empatia, constituição da subjetividade, sentimentos e emoções. Com elas, a criança se forma como um cidadão completo.

Na construção de relações afetivas e cooperativas, despertam-se outros sentimentos, como a solidariedade e a tolerância, a demonstração de respeito e de apoio por parte do professor, que contribuem para que os estudantes se sintam como participantes da comunidade escolar e, de igual modo, auxiliem na superação de possíveis dificuldades, de ordem cognitiva ou social.

Na temática proposta nesta pesquisa, nos enfocamos na alfabetização de crianças e na relevância das relações supracitadas. Para este estudo, é primordial entender que o processo alfabetizador transcorre por fases distintas; de acordo com Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), quatro momentos corroboram para a aquisição da leitura e da escrita.

A primeira fase, denominada pré-silábica, compreende a ausência da relação da criança com grafemas e fonemas, ou seja, ela não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada. A próxima etapa, segundo a teoria da psicogênese da língua escrita, é a fase silábica; nela há um avanço na construção do processo alfabetizador; assim, a criança interpreta a letra à sua maneira, atribuindo o valor de uma sílaba a cada letra. Na sequência, adentramos à fase silábico-alfabética; a partir desse momento o alfabetizando consegue identificar algumas sílabas, relacionando-as corretamente aos valores sonoros. Finalizando, a quarta fase, a alfabética, caracteriza-se pelo domínio da criança sobre a relação entre fonema e grafema, ou seja, pelo domínio acerca das letras e dos sons das sílabas, conseguindo realizar a leitura. De acordo com as autoras, a escrita não é um produto escolar, mas um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade; assim, como objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções.

Articulando as vivências da criança e seu desenvolvimento, fatores esses que interferem diretamente nos processos de aquisição da leitura e escrita, esta pesquisa esclarece acerca do desenvolvimento a partir de Jean Piaget (1973). Para o autor, o organismo humano estabelece um movimento de equilíbrio entre aquilo que é aprendido e o que já possui, ou seja, a criança vivencia, explora, atua e o corpo assimila e acomoda esses novos saberes, buscando um permanente equilíbrio. Segundo Piaget (1973, p. 214-215),

[...] não se pode falar de aprendizagem ou de aquisição se não há conservação do que é aprendido, e, reciprocamente, não se utiliza o termo ‘memória’ a não ser no caso da conservação de informações de fonte exterior [...] a memória de um esquema não é assim outra coisa senão esse esquema como tal. Pode-se, portanto, a respeito dele evitar falar de ‘memória’, exceto para fazer do esquema um instrumento da memória.

Isso posto, constatamos que a aprendizagem voltada para a alfabetização se articula a diferentes posicionamentos, sobretudo a aspectos cognitivos, sociais e biológicos. Como elo desse movimento, a afetividade e as relações coletivas dentro e fora da sala de aula podem auxiliar nesse processo.

A problemática que envolve esta pesquisa é saber de que forma a afetividade pode auxiliar no desenvolvimento da criança em ciclo alfabetizador, incluindo os aspectos cognitivos e sociais desse estudante. Justificamos a pesquisa pela relevância dessa temática para o movimento de ação e reflexão sobre a prática docente, bem como pela amplitude de pesquisas identificadas a partir dos descritores “afeto” e “alfabetização”.

A afetividade é primordial em diversos aspectos da vida coletiva; interfere, inclusive, na saúde emocional dos sujeitos e, portanto, é intrínseca à escola. A condição afetiva está diretamente relacionada à ação docente; deve fundamentar a autorreflexão sobre a sua práxis,

bem como a formação docente continuada, para proporcionar ao professor a percepção da relevância da afetividade no dia a dia das crianças, sobretudo as que integram a faixa etária dessa pesquisa. Sabe-se que as instituições escolares, talvez pela dinâmica pedagógica instalada, apresentam uma carência de afeto nas ações diárias, o que pode promover afastamento entre professor e aluno. É preciso recordar que a afetividade e a cognição estão em movimento e interação, na visão de Henri Wallon.

Algumas crianças vão para as escolas com déficit de carinho e atenção, buscando nos professores uma forma de suprir o que em casa lhes é escasso. Esse movimento familiar acontece sobretudo com crianças que passam longos períodos diários na escola e, devido à rotina intensa de trabalho dos pais e/ou responsáveis, não há tempo de qualidade que permita memórias afetivas entre pais e filhos.

Este estudo está embasado metodologicamente em uma abordagem qualitativa bibliográfica e se apresenta com o objetivo de compreender a relevância da afetividade para o desenvolvimento cognitivo, especialmente na alfabetização da criança de cinco anos de idade. Nessa perspectiva, acreditamos que as contribuições da pesquisa auxiliarão o corpo docente alfabetizador e a equipe pedagógica diretiva nos direcionamentos da práxis pedagógica.

2 A construção do desenvolvimento infantil associado à afetividade na escola de educação infantil

A afetividade é um conjunto de fenômenos psíquicos, vivenciados na forma de sentimentos e emoções nas ações diárias dos sujeitos; é considerada essencial para o desenvolvimento e para a interação. Nessa perspectiva, para o desenvolvimento infantil, alguns aspectos devem se articular, entre eles, a afetividade. Esta proporciona segurança às crianças e, de igual modo, torna a aprendizagem mais prazerosa, além do vínculo afetivo que a criança desenvolve com o próprio ambiente educacional e com as pessoas que lá estão.

É válido apontarmos nessa pesquisa que uma condição psicológica permite às pessoas demonstrar os seus sentimentos e emoções a outro ser ou objeto; a afetividade, importante para a educação, constrói-se através do respeito, compreensão e autonomia de ideias. Segundo Wallon e Piaget, o desenvolvimento humano passa por etapas distintas; são elas o impulso emocional (0 a 1 ano) — processo de socialização; o sensório motor (1 a 3 anos) — troca de sentidos; o personalista (3 a 6 anos) — crise de oposição de idade; categorial (7 a 12 anos) — explorar e conhecer; e a adolescência (12 anos em diante) — modificações hormonais e corporais.

Segundo Henri Wallon (2008, p. 206):

[...] O espaço não é primitivamente uma ordem entre as coisas, é antes uma qualidade das coisas em relação a nós próprios, e nessa relação é grande o papel da afetividade, da pertença, do aproximar ou do evitar, da proximidade ou do afastamento [...].

A educação infantil contemporânea é percebida, legal e socialmente, como relevante para o desenvolvimento educacional, o que faz com que as crianças sejam inseridas mais cedo na escola. Esse processo é consequência da evolução social, da busca pela condição de igualdade e do movimento industrial; culmina na necessidade dos pais e/ou responsáveis de um local que zele pelos seus filhos, de um ambiente com cuidados e segurança para que a criança se desenvolva integralmente e com criticidade e autonomia. Nesse cenário, facilmente encontramos crianças em instituições escolares que apresentam um déficit de carinho e atenção, que buscam em seus professores uma forma de suprir o que em casa lhes é escasso. Essa condição acontece sobretudo com aquelas que passam longos períodos diários no espaço escolar.

O relacionamento entre o professor e o aluno deve ser permeado por diferentes sentimentos, que se distanciem de uma condição hierárquica, mas que cultivem, além do respeito, laços de amizade, pois não se promovem condições de aprendizagem em ambientes hostis e de repreensão. Assim, a partir da afetividade, o docente é um mediador nesse processo; constrói e reconstrói situações que permitam à criança somar a sua experiência e ordenar seus conhecimentos; cabe ao professor direcioná-la nesse caminho. Wallon (1985, p.130 apud GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p. 30) reafirma o papel docente nessa relação entre educador e educando:

Um professor realmente ciente das responsabilidades que lhes são confiadas deve tomar partido dos problemas de sua época. Ele deve tomar partido não cegamente, mas à luz do que sua educação e sua instrução lhes permitam fazer. Ele deve tomar partido para conhecer verdadeiramente quais são as relações sociais, quais são os valores morais de sua época. Ele deve se engajar não somente com seu trabalho de escritório, e não somente para a análise das situações econômicas ou sociais de seu tempo e de seu país; ele deve ser solidário com seus estudantes, aprendendo com eles quais são as suas condições de vida, por exemplo. Ele deve constantemente buscar novas ideias e modificar a si próprio para um contato permanente com uma realidade em evolução permanente, feita da existência de todos e que deve atender aos interesses de todos.

Enfatizamos a afetividade nesse processo, presente na vida do aluno e do professor. Este, por sua vez, deve reconhecer que a infância bem construída determina as demais fases da vida e que os bons sentimentos estão associados à energia que, muitas vezes, é capaz de orientar e motivar o educando em direção ao ato de aprender. Incide não apenas nas relações sociais, mas na reflexão e na ação docente, ao se definir e planejar o trabalho pedagógico.

Adentrando na esfera alfabetizadora — que será explanada posteriormente nesse trabalho — é fundamental mencionarmos que essa pesquisa não enfatiza a alfabetização na concepção de aquisição de leitura e escrita na educação infantil, mas o processo alfabetizador que pode ser iniciado a partir dos 4 anos de idade. Nesse processo, considera, entre outras opções, as ações lúdicas articuladas aos sons, a construção da fala e enriquecimento do vocabulário, a própria construção silábica e, posteriormente, as relações entre os fonemas e os grafemas, já na faixa etária de cinco a seis anos, que compreende o primeiro ciclo alfabetizador do ensino fundamental.

Nessa perspectiva, há uma infinidade de recursos — digitais ou não —, que contribuem para esse processo, como o próprio manusear dos livros paradidáticos, a contação de histórias, a criação de personagens, os objetos e os sons, por exemplo. Com isso, a alfabetização vai acontecendo de maneira natural e social, dentro e fora da escola. Para tanto, além das relações pedagógicas, o desenvolvimento da criança está atrelado a fatores externos e internos (biológicos) que são explanados por Piaget na proposta construtivista, conforme tabela:

Tabela 1

OS FATORES PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	
Biológico	Relacionado ao crescimento orgânico e à maturação do sistema nervoso
Experiências e de exercícios	Obtido na ação da criança sobre os objetos
Interações sociais	Desenvolve por meio da linguagem e da educação
Equilibração das ações	Adaptação ao meio e/ou às situações

Fonte: Os autores, 2020. Embasado em: Departamento de Nutrição. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal de Pernambuco.

Assim, enfatizamos que o ato de aprender não é puramente biológico ou que dependa exclusivamente da organização do trabalho pedagógico, mas envolve o conjunto de fatores explanados na tabela supracitada. Na perspectiva construtivista, voltada para a alfabetização — um dos focos desse estudo — segundo Soares (2016, p. 35), essa construção metodológica é concebida com particularidades que enfocam o educando e seu desenvolvimento,

[...] a prevalência da aprendizagem sobre o ensino, deslocando o foco do professor para o aprendiz: esclarece que o processo de aprendizagem da língua escrita pela criança se dá por uma construção progressiva do princípio alfabético, do conceito de língua escrita como um sistema de representação dos sons da fala por sinais gráficos; propõe que se proporcione à criança oportunidades para que se construa esse princípio

e esse conceito por meio de interação com materiais reais de leitura e de escrita (SOARES, 2016, p. 35).

Na teoria piagetiana construtivista, o desenvolvimento intelectual é considerado em dois componentes: o cognitivo e o afetivo. Paralelo ao desenvolvimento cognitivo está o desenvolvimento afetivo. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral; o desenvolvimento está dividido por fases e/ou estágios, com peculiaridades da criança em cada faixa etária, conforme explana-se na tabela:

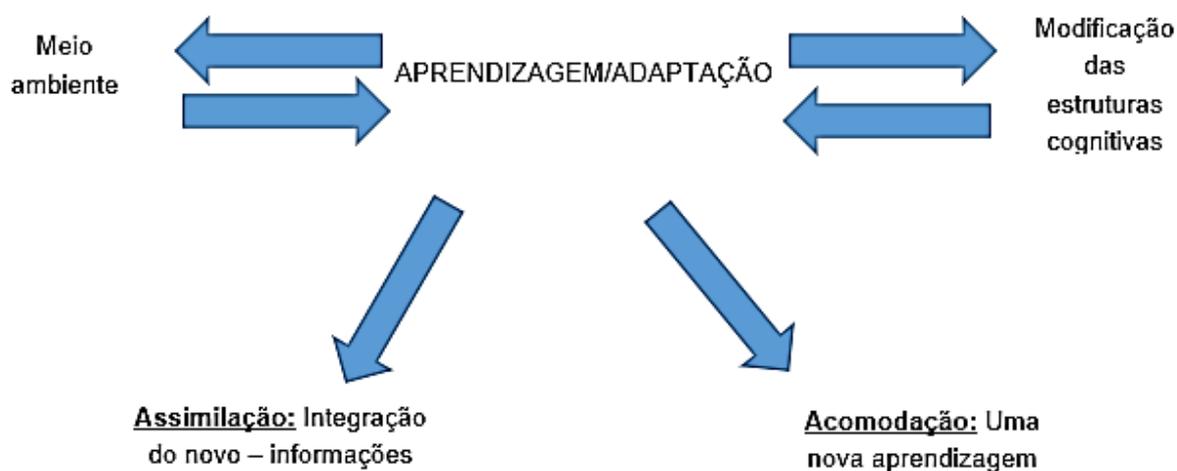
Tabela 2: Piaget e o desenvolvimento infantil.

PRIMEIRO ESTÁGIO	SENSÓRIAL MOTOR	0 – 2 ANOS	Trabalho mental: estabelecer relações entre as ações e as modificações que elas provocam no ambiente físico; exercício dos reflexos; manipulação do mundo por meio da ação, ao final, constância/permanência do objeto.
SEGUNDO ESTÁGIO	PRÉ OPERATÓRIO (INTUITIVO)	3 – 6 ANOS	Desenvolvimento da capacidade simbólica (símbolos mentais: imagens e palavras que representam objetos ausentes); explosão linguística; características do pensamento (egocentrismo, intuição, variância); pensamento dependente das ações externas.
TERCEIRO ESTÁGIO	OPERATÓRIO CONCRETO	7 – 11 ANOS	Capacidade de ação interna: operação. Características da operação: reversibilidade/invariância – Conservação (quantidade, constância, peso, volume); descontração, capacidade de seriação, capacidade de classificação.
QUARTO ESTÁGIO	OPERACIONAL FORMAL (ABSTRATO)	11 ANOS OU MAIS	A operação se realiza através da linguagem (conceitos). O raciocínio é hipotético-dedutivo (levantamento de hipóteses; realização de deduções). Essa capacidade de sair-se bem com as palavras e essa independência em relação ao recurso concreto permite: ganho de tempo; aprofundamento do conhecimento; domínio da ciência, da filosofia.

Fonte: Os autores, 2020. Baseados na Revista Saberes Docentes, <http://revista.ajes.edu.br/index.php/rsd/article/view/79>.

Piaget ressalta que as etapas “acomodação” e “assimilação” devem trabalhar juntas, para que se atinja a *equilíbrio*⁴, fundamentada no crescimento cognitivo, no desenvolvimento; parte da construção e compreensão do próprio desenvolvimento a partir de quatro determinantes básicos: a maturação do sistema nervoso central, a estimulação do ambiente físico, a aprendizagem e a tendência ao equilíbrio, conforme a imagem:

Figura 1: Equilíbrio.



Fonte: Os autores, 2020.

O processo de ensino-aprendizagem será eficaz quando houver troca de conhecimento e afetividade entre o educando e o meio, bem como a partir das relações estabelecidas entre a criança, o professor e a família. Assim, fatores externos, como a ausência familiar, devem tentar ser superados pelo corpo docente, valorizando, respeitando e expressando sentimentos positivos a cada uma das crianças.

Voltando ao meio e às relações que dele surgem, percebemos a afetividade como fator preponderante para o desenvolvimento infantil, inclusive a sua ausência, pois, segundo Maturana (2004 apud SANTOS; JUNQUEIRA; SILVA, 2016), durante o seu desenvolvimento a criança adquire, por meio das interações com a mãe e outros membros da comunidade, as emoções próprias de sua família e cultura. Assim, o emocionar se dá nas relações sociais como algo natural e cultural. Contudo, o movimento contrário também acontece, os “*desencontros*

⁴ Equilíbrio: Processo que estabelece o equilíbrio entre a assimilação e a acomodação. Assim, o objeto de conhecimento impõe resistência; isso cria um desequilíbrio que precisa ser modificado e acomodado, gerando um novo desenvolvimento e aprendizagem — e um novo equilíbrio.

emocionais”, sem as interações com a família ou cultura. Quando o interagir em desencontro emocional torna-se cotidiano em uma família, pode gerar conflitos emocionais:

Se esse desencontro emocional ocorre na relação mãe-filho a criança não cresce de modo natural, tanto em seu desenvolvimento senso motor como no desenvolvimento de sua consciência corporal e autoconsciência. Ela cresce como uma criança incapaz de participar de relações interpessoais naturais de mútua aceitação e respeito na vida adulta (MATURANA, 2004, p. 150 apud SANTOS; JUNQUEIRA; SILVA, 2016, p. 91).

A afetividade exerce um papel fundamental nas correlações psicossomáticas básicas, além de influenciar decisivamente a percepção, a memória, o pensamento, a vontade e as ações. Dessa maneira, é um componente essencial da harmonia e do equilíbrio do desenvolvimento e da personalidade humana. As trocas possíveis, decorrentes dessa relação afetiva, acontecem lenta e gradativamente; as crianças vão com certo receio de ficar na escola com as professoras ainda desconhecidas, mas, aos poucos vão criando vínculos de carinho.

A demonstração de afeto na instituição escolar, somada à confiança demonstrada pela família, auxilia nesse processo de adaptação e as crianças ainda pequenas se sentem acolhidas, escutadas, amadas e protegidas, função básica do ensino infantil. Enfatizamos que, ao atingir essa condição, o professor, com seu direcionamento metodológico, é capaz de promover novas e promissoras condições de aprendizagem, instigando a curiosidade e a vontade de aprender. Com isso, consegue atender às expectativas da família e das crianças.

Conforme explanado por Henry Wallon — e nos pensamentos piagetianos —, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. Para ele, a emoção ocupa o papel de mediadora. O desenvolvimento infantil se realiza nas interações, que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas, como também a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção sobre as demais atividades. Nessa concepção, tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento da criança, de forma que o professor deve aprender a lidar com o seu estado emotivo para melhor poder estimular o crescimento individual.

3 Alfabetização construtivista e a afetividade

A alfabetização como aquisição da leitura e escrita alfabética é, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), enfatizada no primeiro ciclo do ensino fundamental:

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos (BRASIL, 2017, p. 61).

Entretanto, enfocamos nesse estudo o início da alfabetização, fundamentado na própria educação infantil que, nessa esfera, se apresenta como caminhos construídos gradativamente conforme o desenvolvimento da criança. Assim, a alfabetização na educação infantil tem como objetivo estimular o seu desenvolvimento, a sua compreensão do mundo, com vivências significativas, com brincadeiras pedagógicas, sem centrar-se no ler ou escrever. Dessa maneira, a educação infantil insere a criança em um contexto lúdico e alfabetizador, trabalhando os sons e letras, bem como a interpretação oral.

Assim, a alfabetização na primeira etapa da educação básica busca desenvolver as habilidades de raciocinar, de pensar, de discutir, mediando a criança na construção da leitura social, por meio da sua imaginação e sua participação efetiva nos processos de comunicação. Como etapa seguinte de estudos, na faixa etária de 5 e 6 anos, os processos alfabetizadores se intensificam e vão assumindo novas perspectivas, como a apropriação do código alfabético e a construção de novas palavras, frases e textos. A partir do aporte teórico de nosso estudo, bem como dos direcionamentos metodológicos e curriculares da BNCC (BRASIL, 2017), enfatizamos a teoria construtivista de alfabetização.

Assim, o modo de investigação dos processos da aquisição, com a elaboração de conhecimento pela criança, se apresenta ativo no aprendizado. O processo de conhecimento segue o direcionamento piagetiano que, gradativamente, leva à aprendizagem, desde os movimentos iniciais do conhecimento até o seu objetivo final que, nesse caso, é a alfabetização. Segundo Inocêncio (2021, p. 93),

A alfabetização embasada no construtivismo de Ferreiro, nos propõe duas maneiras para a aquisição da leitura e da escrita: coletiva e individual. Assim, essa construção da alfabetização parte da lógica individual, mas, é aberta às relações sociais que dela derivam, seja em ambiente escolar ou não. Assim sendo, cabe ao educador ter a percepção, ou entrever, se o caminho que a criança percorrerá para desenvolver a escrita e a leitura agregará maior significado ao processo, sobretudo se comparado aos métodos alfabetizadores anteriores. Nessa perspectiva, a ideia construtivista herdada de Piaget.

Complementando com pensamentos de Ferreiro e Teberosky,

O sujeito que conhecemos a partir da teoria de Piaget é aquele que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. Não é um sujeito o qual espera que alguém que possui um conhecimento o

transmita a ele por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 29).

Assim, a teoria é sustentada no sentido de que a aprendizagem é atividade do educando, na sua relação com o objeto de conhecimento, cabendo às instituições escolares propor um ambiente, de fato, alfabetizador. Inocência enfatiza que,

Nessa perspectiva o aprendizado do alfabetizando é construído por etapas, sobretudo marcado por avanços dos alunos e, igualmente, os possíveis equívocos na construção da aprendizagem — auxiliares na construção do conhecimento — chegando ao produto final — o domínio do código linguístico. Desse modo, pela tendência construtivista articulada à alfabetização, acredita-se que há um respeito ao tempo e à evolução individual de cada aprendiz, considerando inclusive, as maturações biológicas da criança para construir as sequências hipotéticas e provocar o conhecimento, conforme as fases (INOCÊNCIA, 2021, p. 94).

A fim de compreendermos o processo construtivista alfabetizador, o quadro a seguir identifica as fases da escrita e suas especificidades:

Tabela 3

<p>Pré-silábica</p>	<p>Não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada</p> 
<p>Silábica</p>	<p>Interpreta a letra à sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada letra</p>

											
<p>Silábico-alfabética</p>	<p>Mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas</p> <table border="1" data-bbox="730 801 1334 1283"> <tr> <td>MACACO</td> <td>MACO</td> </tr> <tr> <td>PEDRA</td> <td>DDA</td> </tr> <tr> <td>BOTA</td> <td>BTA</td> </tr> <tr> <td>CAFÉ</td> <td>KFE</td> </tr> </table>	MACACO	MACO	PEDRA	DDA	BOTA	BTA	CAFÉ	KFE		
MACACO	MACO										
PEDRA	DDA										
BOTA	BTA										
CAFÉ	KFE										
<p>Alfabética</p>	<p>Domina, enfim, o valor das letras e sílabas.</p> <table border="1" data-bbox="799 1402 1270 1742"> <tr> <td colspan="2">Alfabético</td> </tr> <tr> <td>MACACO</td> <td>MACACO</td> </tr> <tr> <td>PEDRA</td> <td>PEDA</td> </tr> <tr> <td>BOTA</td> <td>BOTA</td> </tr> <tr> <td>CAFÉ</td> <td>CAFÉ</td> </tr> </table>	Alfabético		MACACO	MACACO	PEDRA	PEDA	BOTA	BOTA	CAFÉ	CAFÉ
Alfabético											
MACACO	MACACO										
PEDRA	PEDA										
BOTA	BOTA										
CAFÉ	CAFÉ										

Fonte: Os autores, 2020. Baseado em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1381/aprenda-com-eles-e-ensine-melhor>.

Na concepção construtivista de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, há uma afirmação sobre a construção de hipóteses da escrita e leitura de crianças, sobretudo entre os quatro e seis anos de idade. Segundo as autoras, ao professor alfabetizador cabe identificar os níveis — citados nos quadros e nas imagens — a fim de orientar e elaborar estratégias metodológicas

para auxiliar o desenvolvimento do aprendiz. Os dois primeiros níveis⁵ são também denominados de fase pré-silábica; neles a criança expõe exatamente as suas primeiras construções do mundo letrado. Dessa maneira, se para o aprendiz um traçado significa as primeiras ideias que ele construiu sobre a escrita e, de fato, se acreditar que a forma básica é a letra cursiva, executará grafismos ligados entre si, tendo como base uma linha ondulada, além de curvas fechadas ou semifechadas. Ao contrário, se para a criança a forma básica for a letra de imprensa, ela apresentará grafismos separados, compostos de curvas e/ou retas (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 183).

As tentativas de correspondências figurativas entre a escrita e objetos também compreendem esses níveis, sobretudo o primeiro; assim, o aprendiz analogicamente acredita que a palavra extensa representa um objeto maior e, nesse mesmo pensamento, palavras menores, indicam objetos pequenos. Na obra *Psicogênese da língua escrita*⁶, as autoras utilizam o exemplo da tentativa de escrita da palavra “*urso*”, graficamente reproduzida por uma escrita similar à palavra “*pato*”, porém, alongada. Esse processo reforça a relação quantitativa existente entre a palavra e o objeto a ser representado e o desenvolvimento da percepção do que é escrita e do que é desenho. Nessa perspectiva, a leitura do escrito será global, ou seja, não há uma correspondência estabelecida entre a letra e o todo e, dessa maneira, uma única letra pode representar toda a palavra.

Nessa tentativa de escrita, abrangendo a fase pré-silábica ou o nível 01 e 02, no construtivismo de Ferreiro e Teberosky (1999), a criança apresenta-se na condição de aprendiz alfabetizador, com traços, linhas e formas que representam a letra em formato cursivo, mas ilegível. Podemos considerar que somente o aprendiz compreende o seu desejo de escrita, entretanto, para o desenvolvimento da escrita e leitura, a “intenção subjetiva do escritor conta mais que as diferenças objetivas no resultado” (FERREIRO; TEBEROSKY, 199, p. 183).

Na fase pré-silábica, a criança, de frente a uma imagem, consegue registrar uma sequência de códigos para representá-lo graficamente. São letras aleatórias que não demonstram significado de junção de letras ou composição de sílabas e, tampouco, se fazem concernentes à imagem. Porém, ao solicitar-se ao aprendiz que leia, ele fará uma leitura silabada

⁵ Na descrição dos níveis de escrita em *Psicogênese da Língua Escrita*, Ferreiro e Teberosky não utilizaram a denominação “nível pré-silábico”, no entanto, esta nomeação é amplamente utilizada por professores alfabetizadores para se referirem aos níveis 1 e 2. Tal nomeação contraria a teoria das autoras, uma vez que somente se refere ao não saber do aluno, ou seja, que esse ainda não fonetiza.

⁶ A teoria da *Psicogênese da língua escrita* não é um método alfabetizador, mas procedimentos que permeiam o processo e a progressão do educando na alfabetização. Esta teoria se contrapõe aos principais métodos alfabetizadores, como os sintéticos, os analíticos e os mistos. Contempla os estágios pelos quais a criança passa até atingir a aquisição da leitura e da escrita; porém não estabelece relação direta ou indireta com a visão freiriana da alfabetização, sobretudo no contexto social e político. N. A. 2016.

da palavra que, para ele, representa a imagem. Em uma sequência dentro dessa fase, a criança pode evoluir inserindo outros códigos, como os numéricos, além de melhorias significativas nos traçados das letras. Nessa perspectiva, acredita-se que a criança alfabetizanda deverá realizar tentativas de leitura, porém, para que as palavras sejam consideradas por ela como diferentes, obrigatoriamente precisam graficamente diferenciar-se uma das outras.

A alfabetização construtivista está associada ao meio e suas interações sociais; nesse cenário metodológico, a afetividade se faz presente, conforme exposto no início da pesquisa. A família e a escola, sobretudo a de educação infantil, deve promover a educação, incentivando a criança em seu desenvolvimento, crescimento e exercício da cidadania no seu meio social.

Assim, enfatizamos que o desenvolvimento da criança tem um valor simbólico no processo de construção de conhecimentos e da realidade em que ela está inserida. Sabemos que o afeto é um elo forte que liga o educador e o educando, é um conjunto onde estão relacionados o amor, a autoestima, valores e sentimentos; são essas relações que fazem uma aprendizagem se tornar sadia e agradável. O que vai proporcionar à pessoa uma vida emocional equilibrada e plena é ter a presença da afetividade com uma mistura de todos esses sentimentos, que ensinam a aprender e a cuidar, ajustando todas essas emoções.

Para se compreender de uma forma mais abrangente a afetividade na educação infantil, faz-se necessário tratar da psicologia do desenvolvimento infantil, principalmente o desenvolvimento cognitivo estudado por Jean Piaget. A infância caracteriza-se como o período de adaptação progressiva ao meio social e físico. O equilíbrio é a adaptação de um efeito que dura toda a infância e adolescência e demonstra a estruturação própria, existente em sua vida.

Destaca-se que as emoções estão presentes em nossas vidas como também em nossos processos de ensino-aprendizagem. Quando se tem afeto, emoção, sentimento em sala de aula, se tem uma grande transformação no ensino e na aprendizagem. Antônio Damásio, em entrevista para a Revista Veja (O HOMEM ESTÁ EVOLUINDO..., 2013), sobre a diferença entre emoção e sentimento, respondeu:

Emoção é um conjunto de todas as respostas motoras que o cérebro faz aparecer no corpo em resposta a algum evento. É um programa de movimentos como a aceleração ou desaceleração do batimento do coração, tensão ou relaxamento dos músculos e assim por diante. Existe um programa para o medo, um para a raiva, outro para a compaixão etc. Já o sentimento é a forma como a mente vai interpretar todo esse conjunto de movimentos.

O afeto e as emoções têm assumido um papel importante no contexto escolar. A relação entre o professor e o aluno faz toda a diferença: quando o professor é afetivo, a aprendizagem acontece mais facilmente e, nesse contexto, a alfabetização. Muitas vezes as crianças passam

por várias situações desagradáveis no meio familiar e social e acabam levando para a escola seus problemas; muitos professores não sabem como auxiliá-las. Frente a circunstâncias adversas, alguns atribuem essas situações à ausência de educação familiar; porém, muitas vezes estão deixando refletir, através das emoções, o que vivenciam no ambiente doméstico.

As emoções e o afeto podem ser percebidos na escola, desde o carinho até a expressão de violência. Por isso, é importante que a escola, o professor e a família trabalhem as emoções no contexto escolar. Esse trabalho irá melhorar tanto o meio social e familiar em que o aluno está inserido, como o ambiente escolar e o desenvolvimento dos processos alfabetizadores. É preciso compreender, família e escola, que o universo infantil é fascinante, permeado de afeto e brincadeira, e nesse cenário alguns aprendizados são fundamentais para a vida.

4 Metodologia

Esta pesquisa utilizou a metodologia bibliográfica qualitativa a fim de buscar embasamento para as experiências profissionais dos autores, ao longo da graduação de licenciatura em Pedagogia.

Na perspectiva qualitativa, apoiados em Sampieri, Collado e Lucio (2013, p. 35), afirmamos que “o enfoque qualitativo pode ser pensado como um conjunto de práticas interpretativas que tornam o mundo ‘visível’, o transformam em uma série de representações na forma de observações, anotações, gravações e documentos”.

Apresentamos a continuação características relevantes da abordagem qualitativa; alguns dos pontos abaixo embasaram metodologicamente este estudo.

Tabela 4

CARACTERÍSTICAS DA ABORDAGEM QUALITATIVA
Não há um processo pronto e acabado na e para a formulação de problemas.
As hipóteses não são testadas, elas são construídas durante o processo e se aprimoram com a coleta de dados, caracterizando-se como resultado do estudo.
A coleta de dados não é pré-determinada, podendo ocorrer sob diferentes olhares e perspectivas; não é padronizada.
A observação dialogal, observação não estruturada, entrevistas abertas, revisão de documentos, discussão em grupo, avaliação de experiências pessoais, registro de histórias de vida e interação com grupos são técnicas de coleta de dados.
O processo da indagação é mais flexível e se move entre as respostas e o desenvolvimento da teoria. Seu propósito consiste em reconstruir a realidade, da mesma forma como ela é observada pelos atores de um sistema social previamente definido.
O pesquisador é introduzido nas experiências dos participantes e constrói o conhecimento, sempre consciente de que é parte do fenômeno estudado.

Postula que a realidade é definida por meio das interpretações que os participantes da pesquisa fazem a respeito de suas próprias realidades. [...] há uma convergência de várias realidades.

Fonte: Inocêncio, 2021.

A referida abordagem nos permite, enquanto pesquisadores, assumirmos uma postura interpretativa, procurando justificar ou integrar os resultados da pesquisa, sobretudo a partir de nossa experiência profissional na área da educação.

A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não números. [...] A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora de nosso objeto de estudo [...] (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48-49).

Assim, buscamos explorar diferentes cenários da educação infantil, pautados nas legislações e em autores como Piaget (1973) e Wallon (1985), que apresentam pesquisas na área do desenvolvimento infantil e da afetividade atrelada ao desenvolvimento da criança na primeira infância.

Dentro do contexto da pesquisa qualitativa, este estudo se pautou em dados qualitativos, coletados a partir de pesquisas, explorando ou descrevendo a afetividade como fator influenciador na alfabetização de crianças de 4 a 6 anos de idade. Assim, observamos a importância da afetividade nas nossas vidas; o afeto deve estar presente na relação entre professor, alunos e família dentro do ambiente escolar.

5 Considerações finais

A realidade que permeia a sociedade capitalista e a educação, sobretudo de crianças pequenas, enfatiza a falta de momentos familiares entre pais e filhos, justificada pela rotina na busca do “ter”. Assim, o papel do professor vai além de ser mediador do saber; torna-se necessária a criação de vínculo afetivos, com o objetivo de aprimorar as interações com colegas e educandos, garantir os conhecimentos prévios, tão necessários na educação e, diretamente, contribuir para a alfabetização.

Com carinho se deve ensinar o que é certo ou errado para a criança; por meio dos sentimentos, o educando adquire a confiança necessária para evoluir enquanto cidadão, o que faz da afetividade estratégia indispensável. Assim, embasados em nosso referencial teórico, foi possível evidenciar as teorias que compõem esse cenário, demonstrando a importância da afetividade no processo de alfabetização.

Podemos concluir que os aspectos afetivos têm participação nas atividades em sala que envolvem a linguagem escrita, no comportamento do professor, na sua postura, no que ele diz, em como e em que momento o faz. Algumas escolas deixam esse assunto de lado, priorizando os conteúdos; entretanto, não podemos ignorar a afetividade, pois faz parte do ser humano. Assim, esse estudo contribui para uma reflexão sobre alfabetização e afetividade que, muitas vezes, se encontra ausente na família.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 04 dez. 2020.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

CARREIRA FILHO, Daniel. Querer bem nossos alunos e alunas, **Gazeta Esportiva Blogs**, São Paulo, 4 dez. 2018. Disponível em: <https://blogs.gazetaesportiva.com/danielcarreirafilho/querer-bens-nossos-alunos-e-alunas/>. Acesso em: 05 dez. 2020.

CHAKUR, Cilene R.S.L.; SILVA, Rita de Cássia da; MASSABNI, Vânia Galindo. O construtivismo no ensino fundamental: um caso de desconstrução. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004, Caxambu – MG. **Anais [...]**. Caxambu: Anped, 2004. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/gt20/t203.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2020.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. **Henri Wallon**. Tradução e organização: Patrícia Junqueira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

INOCÊNCIA, Kellin. **Alfabetizar com Paulo freire: Aprendendo a ler a palavra pela leitura do mundo**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://www.pucpr.br/escola-de-educacao-e-humanidades/mestrado-e-doutorado/producao-academica/>. Acesso em: 04 dez. 2021.

MOREIRA, Geraldo Eustáquio. O processo de alfabetização e as contribuições de Emília Ferreiro. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí – GO, v. 10, n. 2, 2014. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/5041/3838>. Acesso em: 02 dez. 2020.

MOREIRA, Marco Antônio. A epistemologia de Maturana. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 10, n. 3, dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/tp7frtJVnSrVKnfM4gCYVQq/>. Acesso em: 03 dez. 2020.

“O HOMEM ESTÁ EVOLUINDO para conciliar a emoção e a razão”, diz António Damásio. Entrevistador: Julia Carvalho. Entrevistado: António Damásio. São Paulo, 29 jun. 2013. Revista Veja. Ciência. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/o-homem-esta-evoluindo-para-conciliar-a-emocao-e-a-razao-diz-antonio-damasio/>. Acesso em: 8 dez. 2020.

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO - Pensadores da Educação - Demerval Saviani. **Dia a Dia Educação**, Curitiba, [n. d.]. Gestão Escolar. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=332>. Acesso em: 08 dez. 2020.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

ROCHA, Jozelito Serafini da. Natureza da educação e sua especificidade na visão de Demerval Saviani. **Cadernos PDE**, Curitiba, v. 1, 2007. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2007_ut_fpr_edfis_artigo_jozelito_serafini_da_rocha.pdf. Acesso em: 08 dez. 2020.

SALLA, Fernanda. O conceito de afetividade de Henri Wallon. **Nova Escola**, São Paulo, 01 out. 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henriwallon#:~:text=%20O%20espa%C3%A7o%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20primitivamente,da%20proximidade%20ou%20do%20afastamento.%22>. Acesso em: 02 dez. 2020.

SAMPIERI, Roberto Hemández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. Tradução: Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Anderson O.; JUNQUEIRA, Adriana M.R.; SILVA, Graciela N. da. A afetividade no processo de ensino e aprendizagem: diálogos em Wallon e Vygotsky. **Perspectivas em Psicologia**, Uberlândia, v. 20, n. 1, p. 86 - 101, jan./jun. 2016.

SILVA, Ricardo Francelino da. **As emoções e sentimentos na relação professor-aluno e sua importância para o processo de ensino e aprendizagem**: contribuições da teoria de Henri Wallon. 2017. 164 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista, Assis – SP, 2017. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150708/silva_rf_me_assis_int.pdf?sequence=6&isAllowed=y. Acesso em: 8 dez. 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento**. Ensaio de psicologia comparada. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008. Disponível em: https://vigotski.org/Wallon_1942-2008_ato-ao-pens.pdf. Acesso em: 08 dez. 2020.